

Organizadores:
Luci Collin
Marcio Renato dos Santos
Victor Augustus Graciotto Silva



Ampliando Horizontes:

Poesia e Ficção

ANO 3

POEMAS



Ampliando
Horizontes:

Poesia e Ficção
ANO 3

POEMAS

Incentivo:



SOFTMARKETING

SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO



CURITIBA

Projeto realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura
– Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Coordenação Pedagógica e Edição

Marcio Renato dos Santos

Coordenação do Projeto e Supervisão Editorial

Victor Augustus Graciotto Silva

Produção

Juliana Cristina Reinhardt

Realização

Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural

Ministrante da oficina

Luci Collin

Capa

Simon Taylor

Diagramação

Rafael Kloss

Revisão

Elys Faria Bittencourt

Cida Grecco

Fotografia

Clara Reinhardt Silva

Dados internacionais de catalogação na publicação

A526

Ampliando Horizontes: poesia e ficção, poemas, ano 3 / organizado por Luci Collin; Marcio Renato dos Santos; Victor Augustus Graciotto Silva; ilustração da capa por Simon Taylor.

Curitiba: Máquina de Escrever, 2024.

120 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-74-2

1. Poesia Brasileira – Paraná. I. Collin, Luci. II. Santos, Marcio Renato dos. III. Silva, Victor Augustus Graciotto. IV. Taylor, Simon.

CDD: 869.9162

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



Máquina de Escrever

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



Luci Collin
Marcio Renato dos Santos
Victor Augustus Graciotto Silva
organizadores

Ampliando Horizontes:

Poesia e Ficção

ANO 3

POEMAS

1ª edição

Curitiba, 2024



“Eu já quis morrer jovem, porque quem morre jovem não é visto como um fracassado. Todo mundo pensa: ‘Era tão jovem, nem teve a chance de tentar’. Ninguém saberia que na realidade o tal jovem tinha uma alma velha e careta, não arriscava viver seus sonhos, desistia sem tentar, era um covarde. Hoje eu mudei de ideia. Vou arriscar porque sou jovem e, se eu errar, digam que é porque sou jovem e não sei nada da vida. Quero viver com coragem a minha juventude. Quem arrisca jamais poderá ser visto como um fracassado, mesmo que morra velho.”

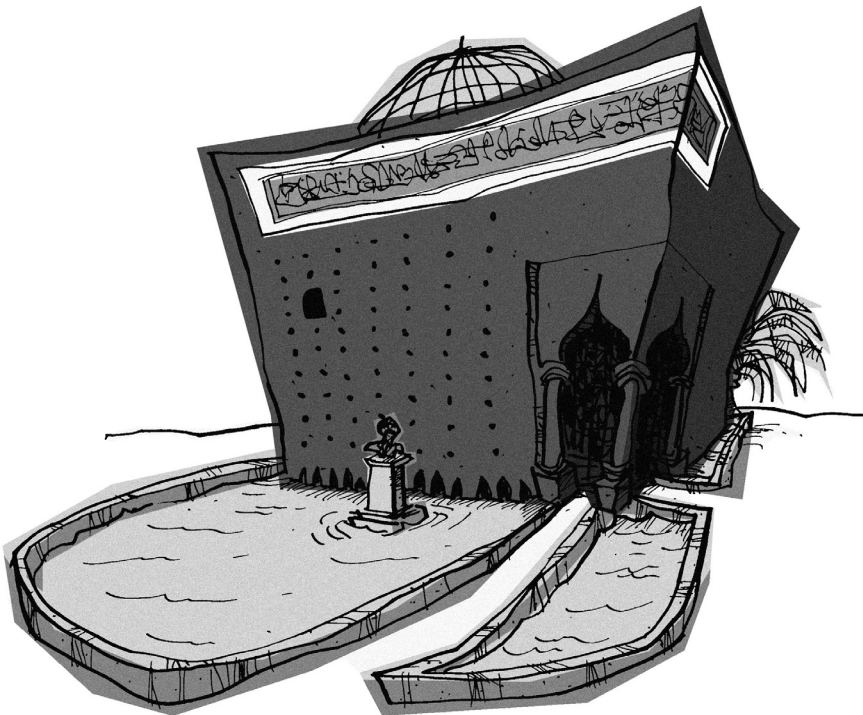
Lívia Uhlmann, este livro é para você.

Obrigado por se arriscar e jamais fracassar em nos trazer sorrisos.

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	9
<i>Prefácio</i>	
Luci Collin	12
Ana De Meiroz.....	38
Ane Torres.....	95
Brunow Camman	62
Camila Ferrão.....	30
Clóvis Boguszewski	14
Cynthia Becker	17
Daiane Pereira Rodrigues.....	101
Danielle Rech.....	72
Fernanda Ribeyre.....	103
Fernanda Silveira.....	64
Francisco Ribas	53
Giulianne Simizu Calizotti	85
Jaquiceli Chafer.....	68
Juçara Maleoni De Oliveira	83
Kusum Toledo	59
Letícia Lopes Ferreira.....	46
Lorenza Vieira.....	87
Luna Madsen.....	27
Marcos Vinicius Fortes Pianovski.....	60
Maria Lorenci.....	57
Maria Luiza Menegazzo	89
Maristella Gabardo.....	91
Maísa Cardoso	98
Melissa Luz.....	51

Nic Cardeal.....	48
Nola Amaro.....	16
Paulo Eduardo.....	70
Paulo Hiram.....	40
Priscila Prado.....	22
Reinaldo Franco.....	34
Rita Delamari.....	93
Selma Mottin.....	79
Silvane Y Da Silva Aguiar.....	75
Sofister.....	45
Soliane Huber.....	20
Sonia Bittencourt Rodrigues Nunes Wolff.....	66
Tallyssa Sirino.....	24
Walkyria Novais.....	81
Posfácio	
Amarildo Anzolin.....	104



APRESENTAÇÃO

AGRADECEMOS AO GENEROSO 2024

Atravessamos 2024 com as três oficinas do Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, já na terceira edição do projeto.

Desta vez, espaços da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba nos receberam: a Biblioteca Darcy Ribeiro, no centro de Curitiba, abriu as portas para o curso de romance com o José Castello. Também no centro, o Memorial Árabe foi o cenário de duas oficinas de poesia ministradas pela Luci Collin. E no Abranches, o Luís Henrique Pellanda conduziu o curso de crônicas no Farol das Cidades.

Atraímos dezenas de pessoas para as atividades, e alguns fatores podem ajudar a compreender o êxito de **Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção**.

Estamos no terceiro ano consecutivo espalhando benefícios para quem deseja aprimorar a produção de prosa e poesia. Todas as atividades são gratuitas e os participantes não têm nenhum custo, nem com as oficinas, nem com os livros que são publicados.

Há participantes que seguem conosco desde a primeira edição, outras pessoas nos acompanham há 1 ano e também há aquele(a) que se conectaram ao projeto em 2024.

A cada ano buscamos fazer algo a mais a fim de melhorar a experiência para os participantes, além de avançar na democratização do acesso e na divulgação. Todo ano são ministrantes e curadores diferentes, promovendo o reconhecimento de nossas escritoras e escritores aqui de

Curitiba, que são de excelente qualidade e diversidade, muitas vezes mais conhecidos fora do Paraná, algo que o projeto busca mudar e fazê-la(o)s também valorizada(o)s aqui. Este ano, a divulgação foi realizada com maior antecedência, ampliando o público e resultando em oficinas com número máximo de participantes. Também realizamos oficinas de leitura para adolescentes que são atendidos pelo CRAS e associações que atendem jovens em situação de vulnerabilidade social, ministrados por Kenni Rogers. Convidamos ministrantes experientes, na prática e na exposição e compartilhamento de como transitar pela palavra escrita. Neste ano, os três convidados são autores reconhecidos com o Prêmio Jabuti, um dos mais importantes da literatura brasileira: José Castello, Luci Collin e Luís Henrique Pellanda. Por sua vez, Amarildo Anzolin, Francine Cruz e João Lucas Dusi foram os curadores da presente obra que está sendo publicada.

A equipe da Máquina de Escrever manteve a consistência na produção cultural, tendo à frente Juliana Cristina Reinhardt e Clara Reinhardt Silva, que cuidaram da divulgação, produção e organização das oficinas. No processo editorial, Cida Grecco garantiu a precisão de sempre nas revisões textuais, Simon Taylor mais uma vez mostrou sua arte singular nas capas, Rafael Kloss cuidou com maestria do projeto gráfico e da diagramação, e coube a nós o fino trabalho de harmonia do processo como um todo.

Tudo isso, ponderamos, fortalece a continuidade dessa proposta que viabiliza gratuitamente a experiência literária completa: da ideia inicial, ou inspiração, à escrita e reescrita, incluindo o contato com experientes poetas e prosadore(a)s, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas.

A lista de agradecimentos é imensa e nela incluímos Castello, Luci e Pellanda, pelas oficinas de escrita; Kenni Rogers, pelas oficinas de leitura; Amarildo Anzolin, Francine Cruz, João Lucas Dusi, pela

curadoria; Alice Medeiros, do Memorial Árabe, Gesiane do Rocio Fontoura, da Biblioteca Darcy Ribeiro e Nadege Breckenfeld, do Farol das Cidades; Christiane Martins, gerente de Faróis do Saber e Bibliotecas, da Secretaria Municipal da Educação da cidade de Curitiba; Marianne Torres e Patricia Wohlke, da Fundação Cultural de Curitiba; Simon Taylor, Rafael Kloss, Cida Grecco, Clara Reinhardt Silva e Juliana Cristina Reinhardt; nossos ancestrais e demais pessoas que seguem de mãos dadas com a gente, desde o início, desde a primeira vez.

Marcio Renato dos Santos
Victor Augustus Graciotto Silva

PREFÁCIO

Luci Collin

Essa antologia de poemas corresponde ao resultado final de um trabalho coletivo que envolveu muitas frentes de ação e muitas etapas. Nesse processo todo, precisamos mencionar, já de início, a importância do poder público no fomento de projetos como o AMPLIANDO HORIZONTES 2024, pois é através da viabilização de projetos culturais gratuitos como esse que conseguimos movimentar a cena literária e a economia criativa curitibanas. Por meio desse incentivo, muitos encontros foram tornados possíveis, muitas leituras, discussões e conversas aconteceram, vários exercícios práticos de escrita criativa foram realizados, muita gente se conheceu e estabeleceu vínculos. Tudo numa atmosfera preciosa, que marcou cada um dos momentos da Oficina nas manhãs de sábado, em que prevaleceu sempre a sensação de encantamento que a poesia – sua leitura e sua escrita – suscita àqueles que desejam se aproximar dela. Sim, podemos afirmar que nessas manhãs, o contato com a poeticidade nos abriu para experiências muito profundas, experiências da ordem da transcendência.

Nesses encontros, discutimos muitos temas ligados ao estudo do poema: as características do gênero lírico, os elementos da poesia, o entendimento do poema enquanto uma unidade orgânica, conhecemos novos poetas e novas poéticas, nos aproximamos da metapoesia, da ecopoesia, e de conceitos como a visualidade, a espacialização, a

tipografia no poema mas, sobretudo e como parte mais importante, pensamos, em conjunto, qual o papel da poesia e dos poetas na sociedade contemporânea.

O grupo de pessoas interessadas na Oficina de Poesia foi o mais diverso possível, congregando desde aquelas que experimentaram a expressão poética pela primeira vez, até poetas já publicados. E essa profusão de relações distintas com a criação poética foi o elemento que, sensivelmente, trouxe um sabor especial à Oficina. Assim, a presente antologia, com sua variedade de estilos, reflete a experiência de pessoas que se reuniram sob o forte desejo de descobrir, discutir, aprofundar suas relações com o fenômeno poético e, sobretudo, escrever e publicar poesia. Todas essas, ações em benefício da comunhão da palavra, e que trazem certa esperança de que conseguiremos se não superar, pelo menos minimizar a drástica crise da narrativa que ora vivemos. Ampliando Horizontes: um gesto coletivo de transcendência pela palavra. Não tem coisa mais bonita de se ver, de se ler.

CLÓVIS BOGUSZEWSKI

SER VIDAS

Poemas
Quebra-cabeças
De palavras
Libertas
De regras

Que não têm fim
Comidas
Quentes e frias
Feitas de restos
Desengolidos

Em seu nome
Servidas por mim

CIDADE

CIDADE
LABIRINTO DE VEIAS
TEIAS PRA CAMINHAR
CARROS OBEDECEM CORES
PONTES EM PRETO E BRANCO
ESQUINAS PRA SE ENCONTRAR
PESSOAS NA FILA PRO CÉU
FAZEM A FILA PRO PÃO
DOS MORADORES SEM LAR CÃES ENCARCERADOS
ALFORRIADOS EM DIAS DE SOL
LEVAM OS DONOS PRA PASSEAR
FOLHAS BORDAM CALÇADAS
CHUVAS CORREM NAS VEIAS
ESTAÇÕES SEGUEM NO AR
TEMPLOS ERGUIDOS SEM GRAÇA
FACHADAS PINTADAS SEM LUZ
PRAÇAS PRA NAMORAR
VIDAS ESCULPIDAS EM CASAS
ESCULTURAS CHEIAS DE VIDAS
UMA EM CADA LUGAR
SOBRE O SOL DE CADA DIA
CADA NOITE SE ACENDE
PRA OUTRA CIDADE ACORDAR

NOLA AMARO

O ESPELHO

No espelho apenas um reflexo,
De uma imagem desconexa,
Que nem o tempo pode apagar,
E apenas uma velhice a mostrar,
Mas não a representar um
Tempo que ficou para trás,
Com tanta experiência a guardar,
No semblante que outrora transparecia,
Uma alma linda e pura,
Com o amor sempre a revelar!

MEU JARDIM

No jardim lá de casa,
Há muitas flores para admirar,
Que me fazem sempre poetar,
No jardim lá de casa,
Há muitas flores para se inspirar,
Que quase não me deixam respirar,
Pois com tanta beleza, parece que vou desmaiar,
No jardim lá de casa,
As flores estão sempre a balançar,
Com a brisa que está sempre a passar,
No jardim lá de casa,
Os beija-flores estão sempre a voar,
Completando a beleza do luar!

CYNTHIA BECKER

INUMA

(EXPANSÃO I)

O crânio enrolado no lençol.

— Tire um milagre daí.

O resto de brilho sobre a cabeça da morte.

Um corpo de cristal perfurado com tubos de luz escoa o vermelho fincado no esparadrapo. O azul ciano olha, não sei se reconhece. a mulher do dedo amputado virou de costas, não dá pra dormir na luz do hospital. chegam pra limpar. na pia do banheiro o tubo entupido do furo do pescoço escoa. escorre. escorre. faltou sangue. o ar circula pela metade.

está meio viva

meio agonizada

inteira torta

e por dentro coagulada

acenou

levantou pra ir ao banheiro

musicou o zumbido que ouvia

vamos embora

no silêncio dos órgãos

já sem os tecidos

canta sem oxigênio

de cortinas abertas

um vulto alado de tocha apagada:

— *Vem, vem ser como sombra*
a paisagem num círculo delirante da vida inteira
derruba a bússola dos sentidos
quebra
me corta da carne
dilata sensações
voe sobre
sobre
de cima
flutuando
sobre

O TORMENTO:

— Num fundo negro meus membros não se movem.
o espaço cresce entre eles.
distribuem-se no vazio do quarto.
o vácuo absoluto.
a luz que não escapa.
um espaço para Deus cada vez menor toma conta de mim.

batem na porta: Envelheci
respondo de outra forma.
de outro lugar.
o calor mil vezes mais baixo.
comprimo.
escapo pela janela.

no invisível tem cor.
escura.
um nada cheio de energia escura

— Celeste.

*A dama morta construiu feridas no cérebro
enquanto vivia.*

morreu várias vezes enquanto vivia.

perdidos entre lápides.

o filho aponta.

embaixo da árvore crava um girassol.

a mãe da mãe descansa num vestido de festa.

deixa crescer aos poucos o cabelo e as unhas.

rejuvenesce maquiada.

na foto eu sorrindo de pé aos seus pés

— Num lugar sem gravidade descalça senti saudades de você.

estava livre.

eu quis também e fui embora.

eu repetida em você.

marco o caminho com suas cinzas.

marco o caminho com minhas cinzas.

o flash da foto cintila o colapso.

a mente se despedaça.

é expelida do eixo

— A forma se espalha.

SOLIANE HUBER

CASA ALVOROÇADA

A mulher na morada
entre cômodos trocados, pensa:
cômodo é – o que há entre o brio e a euforia.
Pinça pontos elétricos,
batendo em si o vislumbre.
Conhece um, que é arquiteto.
Este invade antessala,
deixa ali trejeitos sapatos.
Quebra a perspectiva
doutro olhar.
Ele checa,
paredes postas em contentamento.
Aponta ali
embaixo do parapeito,
chave do esconderijo.
Causa enclave.
Ele tateia as áreas furtivas – daquela uma.
Gavetas sem segredos, outras emperradas.
Extrai de um cômodo a impermanência,
Utiliza critérios inutilizados e maltratados.
Percebe e persegue galerias,
Retrai desta casa uma outra essência,
perde por aí aquela chave.
Porão com corpos encobertos.
Ela regozija.
Pilhas de travessieiros entre o ventre,
acolchoam os tormentos.
Morre.

MANGAS

Se faz coloração das mangas lá – no Mato Grosso.
A fruta vermelho-amarelada é escolhida,
o frescor das Mangueiras aduba aridez,
come ali – pendurada.
[isto não conte para a mãe]

As crianças andam sobre os muros
Nada é quebrado.
Aprende a pedalar,
Faz-se decoração de ranhuras.
[isto o pai não deu bronca, mas a mãe...]

A rua dos Ébanos por ser encurtada
era chamada de – “rua morta”.
As crianças enterraram a infância
na caixinha secreta do ser.
[...]

(a camada asfáltica mata de vez a rua dos Ébanos)
[isto a mãe esqueceu]

A cidade de Guarantã do Norte não tem nada demais.
Exceto para quem lá vive e colhe as suas mangas.
[isto a mãe ainda carrega]

PRISCILA PRADO

Definições de poesia:

1. acende-se a vela
 explode o parabéns
 : 1º aniversário
 – surpresa ou susto?
2. transparência
 revela o real
 tangível corpo invisível
3. **poe si a**
magi a
 lo
4. parreira fincada no solo
 o bago brota
 no seu tempo, o sumo
 – já, o vinho...
5. quando o que falta faz falta
6. impassível ante o impossível
7. élan
 poesia é quando o poema emana a
 sensualidade da linguagem
8. o poeta pródigo
 devaneia sem ter lar
 pra onde voltar
9. martelo & bigorna
 poesia
 pão
10. produto. etéreo. bruto.
 puro fruto.

sincronicidade

animal humilde humano
mortifica-se num tempo letárgico
 árido,
 de areias crestantes
 movediças
 fatia de um confeito
o tempo só não cabe todo num instante
 uivo, ventania pela fresta
 fenestra
em busca de um tempo perdido
o redondo de Clarice, elástico
um tempo vestido de poesia
 poesia nua

TALLYSSA SIRINO

SEM TÍTULO

Gente que já morou em 19 casas diferentes
Vai fazer casa em qualquer lar

E vai dizer que é

Beatles tocando na vitrola
Sábado de manhã
Numa casa com rede
Barulho de crianças
Cheiro de café passado
Um céu azul enquadrado
em três janelas num andar bem alto
Entre a Mariano Torres e a Benjamin Constant

Vai fazer casa no se demorar na cama
No vinho no sofá quando dormem as
crianças

No sexo nesse sofá
Nos gritos de prazer e de raiva

Eu faço meu lar nas suas costas
No encostar dos meus pés nos seus

Essa casa toda é casa em mini casinhas
Como o telhado de blocos de madeira que é um triângulo
vermelho pontudo
Espalhado pelo chão só esperando alguém pisar

(...)

Carrego uma garota
dentro de mim
Que chora
E que grita
Chora e se joga no chão

Carrego a garota em meu colo
Beijo sua testa
Seguro sua mão quando
Cheiro o cheiro de meu
Nos cabelos bagunçados do meu filho

Essa garota aparece toda vez que
Ele cutuca sem querer
Com seus dedinhos frágeis de infância
Uma ferida aberta

Nessas veias abertas
De rios, de mares
Sem palavras que cheguem
Em horas de desespero

Que chegam a mim
Pelas memórias das mãos cheias
De memórias duras de minha mãe
Carregadas uma a uma

Como um presente recebido
De todo mundo que veio antes
Uma linhagem de fome de afeto
De sede (de) mar-aberto

FUNDOS

Gritos estridentes deslizam de mim
Esparramam no chão, respingam nas paredes
Mancham o teto.

Muito em frente a tão pouco
Tanto por trás de tão pouco

Um passado que corrói frente a um presente
Que me quer inteiramente então
Que me olha de frente e me pergunta
Coisas mil a mil por hora

Eu padeço. Isso não é o paraíso
Eu não acredito em paraíso
É construção em meio ao caos
E poesia, sim senhora

Mas como posso ser o que quero
Enquanto o peso de ser for tão
Pesado a ponto de me entortar
As costas, o pescoço, os ossos todos

E se
Pra construir
Eu precise
Deixar
Cair

LUNA MADSEN

ESTHER MADSEN, SÓ

[Pergunto à minha mãe,
minha bisavó se chamava Esther?

Isso, ela me responde.

Esther Madsen, só.]

Você gostava das pequenas árvores?

Você já se masturbou perto delas

e sentiu

um frio no coração

no corpo todo, um frio sincero

o oposto

do calor dos orgasmos

de ter

alguém com quem se deitar

quando você

não tem, na maior parte do tempo?

Você

acha que precisa de tanto

para dormir

com outras pessoas?

Do amor.
Seu oposto é o

frio.

Eu sei disso agora. Da minha barriga desconhecida.
Do fim do frio.

Você sabia
que ia morrer

enquanto enfiava agulhas de crochê
dentro de você

para perder
uma criança? Estava tentando?

Quando você
era uma criança,

você sabia
o que uma criança era?

CAMINHAR COMO MARY OLIVER

Tenho a sua citação na parede,
o que você planeja fazer com isso?
Abraçar todos os animais,
até que pelo menos um deles
se sinta seguro, ou eu me sinta segura.
Caminharei por muito tempo.
E o amor romântico me afetaré
como calos nos pés.
E eu me segurarei nas costas da raposa
e ela não me sussurrará nada.
Porque ela é silenciosa.
E porque encontramos uma à outra.

CAMILA FERRÃO

M²

A minha casa não é minha
Não sou proprietária
Não faço reformas
Não voto nas sessões de condomínio
Não dou pitaco
[embora de mim façam fofoca]

Meus gemidos amadrigados são abafados pela vergonha
dos vizinhos
Moro no piso de cima do teto abaixo
Meu muro é de meia parede
O despertador que me acorda geralmente é da casa ao lado
O sol aqui incide em ângulo tímido
faz mais sombra do que vento
e eu faço contas do quanto falta pra ter minha própria casa
dar entrada
financiar o resto
Dívida!
Dívida?
Di-vi-di-da
Não sei o que faço
se permaneço na casa
alugada
se parto pra casa
comprada
Sofro de amadurecimento precoce
Sinto que já passou do tempo

é preciso ter um teto, um móvel planejado, um
ar condicionado...
assim a vida fica mais cara
e a casa definitiva mais distante
mais inabitável
estou onde cabem minhas coisas
não cabem minhas vaidades
Queria mais espaço
mais m²
meu dinheiro só paga metade
o defeito é de fábrica
meu bolso anda mais vazio do que cheio
permaneço no improvisado
moro na casa
que hoje não posso ter
não inteiramente
no papel ela não é minha
não é toda minha
nunca será minha, toda minha
e mesmo não sendo minha
é dentro da casa que vivo meu dia-a-dia

meu lugar de descanso, minha pia entupida, minha
louça empilhada, minha roupa estendida, meu banho
quente, meu lixo transbordado, meu rádio ligado, o
cheiro da minha comida

O problema é da casa
ou do ideal que tenho dela?
se a casa em que eu habito não é minha
o que de mim não resido, não moro, não convivo,
não faço moradia?

CIO DADE

canetas pontiagudas rabiscam culposamente
os muros erguidos que despertam curiosidade
aos que estão do lado de fora

cidadãos apressados disputam espaço no mesmo m²
acotovelados pela escassez do transporte

voluptuosas famílias de araucárias têm suas copas invadidas
por quadrilhas de pombas
que ameaçam transeuntes com canhões de bosta

elevadores trazem às praças do centro gotículas de orvalho
colhidas nos campos gerais
reproduzem ares interioranos
na cidade órfã de fauna e flora

bolas de sorvete derretem no asfalto
os que passam
pisoteiam os restos e encharcam às ruas de melão peganhento
sapatos são vítimas do doce que cola

na esquina malabaristas desperdiçam seu talento por trocadilhos
nada ambiciosos

no beco a mulher grita quina
todos a esperam para apostas indecorosas
o velho faz lance ela pisca e aceita

a matraca ambulante anda às presas
fura sinaleiro atropela o canteiro deixa rastros atrás dela

o passeio é cercado por uma imensa gaiola
só entra pagando ingresso
público mesmo só o poste
um alívio para quem sofre de bexiga presa

a marquise abriga pássaros e homens
democracia. chamam isso
pencas de gente atravessam a calçada
há um abismo no meio

as casas condecoradas nobres tombam
e os prédios se avizinham com a distância de menos céu
é audacioso crescer por entre nuvens
elas chovem e descarrilam tudo que é alto e sem fundamento

o umbigo da polis é alergênico
gera rinite
e entopem emergências de espirros ranhentos
não há conversa que desminta ou prove o contrário
aqui,
rende mais falar do tempo.

REINALDO FRANCO

não é como se pudéssemos conter tempestades
com algumas estrofes
nem é como se pudéssemos
enfrentá-las
ou
colhê-las.

não é.

nem queremos fazê-lo.

é como se a ideia da descrição das tempestades
com alguns versos
nos atraísse de tal forma
que,
quando vemos,

feito.

é como se o vício extenuante de pensar em tempestades
com tamanho zelo
nos enxurrasse de tal jeito
que,
quando cremos,

cheio.

é assim, de fato.

não é como se quiséssemos criar poemas
com alguns ventos
nem é como se quiséssemos

ignorá-los
ou
perdê-los.

não é.

nem podemos fazê-lo.

é como se o sentido da construção dos poemas
com alguns raios
nos seduzisse de tal modo
que,
quando chega,

vai-se.

é como se o alívio inconstante de recitar poemas
com tantos trovões
nos calasse de tal maneira
que,
quando eira,

beira.

é assim, de fato.

não é como se tempestades e poemas
fossem algo
parecido.

não é.

mas é como se fossem
(*ou se tivessem sido*).

tudo o que se sabe até certa altura
(o mundo inteiro, de certo modo)

e por onde pouco, pouquíssimo tempo
depois
(quase nada),
todas as coisas que se
tem
se espalham
completamente
à vista de
todos.

logo, ponto de coleta de
carinho, refeição, compreensão
(nem sempre se recebe aquilo que se espera).

onde se abraça o medo do escuro e a solidão.

daí, ponto final de passos de
insônia, tristeza, falta de clareza
(o último lugar em que se quer parar).

onde o eu e o meu se destituem da certeza.

segue abarcando rotinas, contemplando faxinas, exigindo
reparos, abrigando corpos, criando espaços.

segue guardando pedaços.

segue com seus canos tortos, fios elétricos remendados,
lâmpadas queimadas, concreto pintado, azulejo – com esmero
– selecionado.

segue descartando mudanças.

nas memórias que se cria por ali,
é na casa,
justamente na casa,
que o sono
se confunde com
viver.

naquilo que chamamos de
casa,
o estar se mistura com o
ser.

ANA DE MEIROZ

Nunca antes me disseram
Que escrevesse um poema
Meus poemas, eu os pari
E no máximo dei-lhes banho
Desde sábado, porém
Temo
Haver embalado monstrenhos
Amamentado quimeras
Caricatas

É verdade que sei rimar
Conheço uma porção de palavras
Tenho repertório suficiente
Para dois ou três coquetéis

Também sei fazer mágica:
Puxo as palavras pelas orelhas
De dentro da cartola de anedotários

Finda a festa, contudo
Os meus versos não tem Graça
Não cabe declamá-los
Tampouco
Decalcá-los do bloco de notas.

POEMA NO PORTO

Ser, como o mar
Amor e morte
Como o mar, ser poesia
Em lugar de poeta

No mais, apenas
Permitir que lhe naveguem
A superfície

E deixar pensarem, distraídos
“Por aqui tudo vai
De vento em popa”.

PAULO HIRAMI

SETENTA REAIS

O tempo é esse espaço compreendido
Entre os dois segundos da manhã de hoje
Quando distraidamente deixei cair do bolso
Os setenta reais dobrados em duas notas
E as irreparáveis horas da tarde do mesmo dia
Em que a indignação decidiu fazer-me companhia

O tempo é essa lacuna-hífen, insignificante
O tempo é essa lacuna-travessão, hercúlea
É um obstinado elástico metamorfósico
Que vive a ignorar o que a gente quer que ele seja

O tempo são sete mil centavos que alguém furtou
No piso branco e maculado da agência dos Correios
Sob a lente da câmera de segurança, mas longe da retina
Distante do olhar e dos passos de quem se foi dali
De um cidadão que às segundas-feiras vai à feira
E que hoje chegou à tenda cheia, mas de bolso vazio

O tempo é um velho que se senta desde sempre à mesa
Pede a bebida que quer e fica ali, apenas observando
A pressa e a lentidão, o passageiro e o interminável
Tiquetaqueando nos ponteiros do relógio de cada vida

O tempo é o tempo sobre o tempo que passei pensando
Como pode uma pessoa não deixar ali, aquilo que não é seu?
Volto então no tempo, no caminho refeito e nada encontrado
Avanço no tempo e questiono-me se um dia, haverá, sim
Um tempo melhor, mais honesto e quiçá mais bonito
Em que os segundos não me custem as horas que custaram

O tempo é o tempo dele, não o seu ou o meu
É autóctone, autossustentável, autor e autoridade
Ele ri copiosamente da gente que disse tê-lo inventado
Ignora rotação, translação e ainda rasga o calendário

O tempo chega ao fim da tarde, mas não finda
Setenta reais, setenta reais, setenta reais, setenta reais
Setenta centavos ou setenta vezes um milhão, que fosse
Não são os papéis da Casa da Moeda do Brasil, o problema
Deveras, o inacreditável, o incompreensível e a raiva, última
Um desejo vibrante pela justiça, no contemporâneo tempo

O tempo, o tempo, o tempo, o tempo, o tempo, o tempo
Passou por mim, aliás, arrastou-me nas horas e nem o vi
E então, fez-me levantar-me, mastigar algo rapidamente
Colocar a sandália franciscana, mas longe eu de ser santo
Descer as escadas, abrir a porta e caminhar, pois já era hora

Cheguei, avistei-a de costas e chamei pelo seu nome
Abaixei-me, como quem entrega uma delicada rosa
Esperei-a vir, saltitante e alegre, como ninguém é capaz
Ela despontou, seu olhinho encontrou o meu e sorrimos
Papaaai! Gritou radiante, pulando de uma só vez no meu colo
E naquele abraço, por um instante, fomos donos do nosso
próprio tempo

FÉRIAS

Cortarei impetuosamente com a motosserra
Todas as árvores nativas da Mata Atlântica
Matarei com imparáveis tiros de espingarda
Os pássaros que decidirem pousar nos galhos
Despejarei o óleo industrial mais poluente
Em todos os rios que correm e nas suas margens
Lançarei a fumaça mais cinza das fábricas
No ar, no vento e até mesmo no assobio dele
Ensacarei todo o lixo produzido nas metrópoles
Para então jogá-lo bem no meio do oceano
Queimarei as florestas verdes dos hemisférios
Para rodear com fogo o sopé de cada montanha
Caçarei os animais numa espécie de campeonato
Cujo objetivo é não deixar um vivo sequer
Secarei os frutos de todos os pomares
Até que eles caíam podres sobre a terra
Exterminarei as incontáveis herbáceas dos campos
Com o mais venenoso dos “defensores agrícolas”
Atearei fogo nas criações de bicho-da-seda
Vendo a sua extinção acontecer na minha frente
Derreterei os cumes nevados dos Himalaias
À espera do espetáculo impiedoso das avalanches
Abrirei a boca de todos os seres marinhos
Para jogar microplásticos e outros resíduos dentro
Envenenarei todas as uvas e os barris das caves
E depois as bebidas serão engarrafadas por mim
Tudo aquilo que terminar com “REI”
Eu faREI

E não pensem, por uma sinapse que seja

Que nos seus trinta dias de férias do ano

Nas fascinantes trilhas da mata

Nos lindos cantos dos pássaros

Nos banhos relaxantes nos rios

Nas peles refrescadas pelos ventos

Nos mergulhos azuis nos oceanos

Nos silêncios rochosos das montanhas

Nas exuberâncias ímpares dos animais

Nas suculências exóticas dos frutos

Nos prazeres dos chás das herbáceas

Nos toques confortáveis das sedas

Nas vitórias das escaladas dos Himalaias

Nos saltos fantásticos dos seres marinhos

Nos vinhos caros que vocês fazem questão de (a)mostrar no *feed*
do *Instagram*

Eu estaREI disponível para vocês

Usem-me

Exploreem-me

Levem-me

À quase extinção

Nos trezentos e trinta e cinco dias do ano

Ou trezentos e trintas e seis nos anos bissextos

Em que vocês trabalham como loucos por dinheiro

Mas deixem-me

Fazer todos estes maltratos

Comigo mesma

Somente nestas férias

Deixem-me

Com meus trinta dias

Quem sabe

Eu possa voltar

Para então realizar

O Célere Milagre da Reconstrução

E assim,

Dar tudo de mim

Uma vez mais

Nas suas próximas

Viagens de férias

SOFISTER

um pedacinho ensanguentado do meu coração

Um dia eu sonho sonho com um navio todos que eu amei
estão aqui eu acordo eu caminho leio um jornal
velho volto pra casa sonho com o mar eu fico chego numa
vernissage vou embora correndo escuto uma música tocando é muito
demodê eu finjo que gosto eu não gosto eu gosto
tudo me lembra de (nós)

O amor é lindo, insuportável

Procuro um amor cuja cor tenha o verde mais verdejante e que os seus olhos, seus olhos iluminarão a minha consciência Te fere, te maltrata, tu desejas morrer AH Meu amor! Por você eu flexiono o verbo & o advérbio! o verdadeiro amor que perdura pelas Eras porvir o verdadeiro amor da chama que acende dentro do peito o verdadeiro amor que me conhece sem saber Serás que poderias encontrá-lo distraído? não, apenas aqueles que prestam muita atenção, meu amor brinca comigo que eu sou de brincadeira por ti procurei, por ti exasperei
!!!!!!

jamais serei completo sempre sentirei sua falta agora apenas a tristeza [é minha companhia]

LETÍCIA LOPES FERREIRA

PARA TENNYSON

Quando a cidade escurece, o apito do trem corta o caminho
dos pobres.

Venha ao jardim, Maud.

A noite é o mar urbano e o apito é o de um navio de terror.

Meus ouvidos ignoram os carros e motos fazendo racha na BR.

Estou só no mar profundo.

Acendo o cigarro que comprei na padaria e me concentro no
marulhar do meu oceano particular.

Os trabalhadores dormem enquanto espero por você, Maud, no
mato alto, no mar alto,

nas ervas daninhas, nos animais monstruosos sob mim.

Venha ao jardim, Maud.

Estou só, junto à grade enferrujada,

e o perfume das madressilvas se esvai ao longe no asfalto.

REZE POR MIM

Vivo no satélite cinzento e estéril.
O dragão me visita quando meu lado escurece.
A chama da boca aquece meu rosto,
queima meus cabelos.
Sei que o dragão me diz eu estou aqui.
Sei que ele me diz você não está só enquanto testa
minhas correntes.
Sei que ele me ama e sabe que espero o cavaleiro que não virá.
Meu são Jorge guerreiro vive na terra,
e o cavalo branco já morreu.
Quando em meu lado é noite, o dele tem o sol.
Ele olha para o céu e se ajeita na capa vermelha,
puída.
Cofia as barbas brancas e a espada de ferrugem,
e pensa em mim.
Na última vez que lhe acendi uma vela,
meus cabelos queimados eram claros como o verão
e meu vestido era verde esmeralda.
Me ame, meu são Jorge guerreiro,
reze por mim,
porque os canteiros se puseram há muito tempo,
mas minha flor ainda desabrocha ao relento.

NIC CARDEAL

QUASE PÁSSARO

eremita
semeador de silêncios
humano às avessas
feito de folhas verdes, folhas secas, espinhos
menino triste de voos sem asas
irmão mais velho
tecido em florestas
[meu pai]

COMUNHÃO

Estender sobre a linha do horizonte
o fio mais tênue do equilíbrio
capaz de suportar a brisa, o vento, a tempestade

Esticar os dedos acima da cabeça
bem mais alto
como se sonhasse a textura das nuvens
mergulhar os dedos
na maciez do ar rarefeito

Fazer de si um caminho sem bússola
cada passo a seu tempo
sem nenhuma pressa
ou exigência
sem nenhum destino

exceto o que se permuta em amor
Respirar como as montanhas
na altivez sincera
depois de cada raiz secreta que
do ventre da Terra
sabe da necessidade da espera
pelo sonho da semente

Conhecer de pássaros
da paciência dos ninhos
da liberdade implícita nas asas
do canto matutino em sustentidos sentidos

Olhar à frente, ao lado, aos céus
sem perder o chão
sem tropeçar nas sombras
ou nos vãos

Reverenciar os idos, os findos
os recém-nascidos, os maltrapilhos
aqueles loucos:
os xamãs, os profetas, os absortos

Agradecer às águas
a todas as águas:
rasas, fundas, límpidas, densas
àquelas que saciam a sede
ou mesmo
às que nos sucumbem em solidão e
às que germinam vida do trigo ao pão

Saudar as possibilidades tantas
os desvios necessários

as quedas imprevistas
as mudanças de percurso
as estradas tortas e os labirintos
Compreender os pequenos em tamanho
os ainda menores
os ínfimos e os invisíveis
os gigantes, os astronômicos
as miudezas e a imensidão

Até finalmente aprender a linguagem
das palavras silenciosas
esculpidas em dimensões paralelas
que nos aguçam os sentidos
e nos sussurram entre as paredes do coração

Conhecer de gestos improváveis
propícios aos espantos, aos delírios, aos encantos
como quem vive cada instante
pela primeira

ou última vez

MELISSA LUZ

NÃO HÁ FIM SE NÃO HÁ UM COMEÇO

antes de meu nascimento,
eu existi em uma forma minúscula na minha mãe,
e antes do seu nascimento, eu já estava lá.

crua, sem corpo, sem alma,
dentro do ventre de minha mãe
e no ventre da mãe dela antes dela.

eu sou o sangue da minha mãe
e da mulher que veio antes dela
e de todas as outras antes disso.

ela me formou de sua própria carne,
rasgou pedaços de sua vida
para criar uma versão única da sua cópia.
me moldou com suas mãos de força
passando a herança do fogo que arde em suas veias.

eu carrego os teus traços nos meus,
e não preciso te procurar
porque te encontro
todas as vezes em que me olho no espelho,
prestes a enxergar o meu futuro
bem diante dos meus olhos.

*ela sabe que estou crescendo
com o rosto dela?*

eu sou o que você poderia ter sido,
e você, a única coisa em que posso me tornar.
minha mãe, fruto do sangue de todas
e eu, teu reflexo inevitável.

(do ventre ao berço e além)

SOLICITO AO ARQUITETO:

uma casa pequena
com janelas grandes
através das quais o sol mostra o dia

uma risada alta
ecoando nos cômodos
em meio a uma tarde preguiçosa

o cheiro do café
preenchendo a manhã
e acordando os sentidos

conversas ao entardecer
com chá nas mãos e
a tranquilidade do silêncio

um lar gentil
com alegria e vida
no primeiro e no último dos dias.

FRANCISCO RIBAS

A CASA DA ESQUINA

A minha velha alma
é como a casa da esquina
centenária muito antiga
quase esquecida
mas que carrega lembranças
de tantas histórias de família
como uma alma imortal.

Agora observa plácida
por duas janelas frontais
quem na calçada passa
sem qualquer preocupação
pessoas caminhando passeando
com seus cãezinhos de estimação.

Há ainda marcas de móveis
no assoalho de madeira
nos cômodos vazios
nos quartos, na copa
na sala de estar.

Há ainda paredes com pregos
onde eram pendurados
os quadros de santos
e de retratos dos ancestrais.

Ainda trazem lembranças
de momentos sem igual

e que hoje devem viver
em álbuns esquecidos
em algum canto perdido
com fotografias amarelcidas
mas que ainda exibem casais
vivendo com amor!

No interior da casa
há um eterno vazio
um silêncio mortal
mas ainda se ouvem
conversas altas
risos gargalhadas
antigas cantigas
choros e gritarias
de incontida emoção.

Agora a minha alma
anda de mãos dadas
com a casa esquina
pois traz no semblante
um ar triste de velhice
um andar arrastado
um olhar cansado
mas que ainda insiste
nas recordações da alegria
das festas de final de ano
dos aniversários, dos noivados
dos casamentos, dos nascimentos
dos cafés dos sábados à tarde,
das páscoas, dos natais!

Nossa casa tem a tristeza

de alguém prestes a morrer
mas que ainda conserva
a felicidade do que viveu
imortal, atemporal
guardada para sempre
eternamente
em meu velho coração.

Agora, quando passo
pela casa da esquina
vejo escombros só
monturos de lixo
matos crescidos
vejo sombras em pó
marcas das paredes
da casa no chão
alma sem casa
casa sem alma
não existem mais.

Levaram suas telhas
levaram suas madeiras
levaram suas portas
levaram suas janelas
levaram tudo que nela havia
só não levaram sua história
muito menos sua alma
que hei de carregar
para o caixão.

MARIANTE AFOGADA

À margem do Taquari,
nasceu Mariante,
sem futuro, sem pai,
gente pura da lavoura,
do fumo, da lida,
de sol a sol
no cabo da enxada
vivendo da terra,
da madeira extraída.

Agora junto com a vila,
de dois séculos e meio,
trezentas casas varridas,
Mariante,
idosa esquecida,
com mesmo nome batizada,
boia nas águas da enchente,
morta, para sempre,
afogada.

MARIA LORENCI

EM BUSCA DO METAPOEMA PERFEITO

Poesia é curiosidade

Poesia é revelação

Poesia é amálgama

Aterramento, necessidade, abandono

Poetizar é sentir

Poetizar é trabalhar

Poetizar é parir

Revelar, colher, fluir

Poema é fruto

Poema é casa

Poema é gente

Existe, fala, mostra.

Poema

É.

CASA

O gato trouxe
Asas de passarinho – penas esparsas.

No caos da manhã de terça
Assava um pão – água e trigo.

Passa pano com anil
Passa incenso de alecrim
Passa lavanda
Pra morte dissipar.

No caos daquela manhã
Foi um riso de criança
Que salvou o dia.

KUSUM TOLEDO

IMPULSO METAPOEMA

a poesia

acontece solta

soa

na palavra

que se desenha

voou

IMPULSO CASA

morada insólita

doida

e

dóida

lembranças?

brigas medo

nenhum fogão aceso.

difícil a poesia

MARCOS VINICIUS FORTES PIANOVSKI

TRATADO TROTADO

*Em um hipódromo em que bebia,
foi que eu tive uma hipomania
acompanhada de uma hipotermia
das quais eu mais temia!*

*Cada palavra era uma amostra,
e em cada verbete fazia-se uma aposta:
uma troca? Uma troça? Na última volta
o tordilho trota.*

*A rispida rima rica sem empecilhos
saía dos meus trilhos!
Perdia-se o brilho.*

*E por trocados vão meus trocadilhos...
Incrédulo via o vigor do jóquei em grená
Desengrenar*

HOSPEDAGENS

Casas escolhidas ao acaso
ou decididas por quem se casa.
Não mais me atraso
e vamos direto aos casos.

O quarto de Arles da casa amarela
tem versões em cartas e em telas,
violetas paredes e verde janela...
Famosas por do pintor ser hospedagem.

Já na Mateus Leme, uma homenagem:
temos hoje um patrimônio, um bem,
na casa de Alfredo Andersen.

Lembro-me de outra, porém,
Que no Cosme Velho, é passado:
Foi demolida a casa de Machado.

BRUNOW CAMMAN

META-SE (D)AQUI

Véu de Maya do texto
O significado de não se revelar
Se rebelar do significado
Rompante rompimento
Brusco avanço do palavrear
Sento um sentimento
Rimo por ser obrigado
Tem que ter sentido
Tem que significar
Diz que mora no poema
Uma linda lição de moral
Não no meu
Aqui não
Meta-se com discurso
Não se meta aqui
Aqui só se diz curso
Que segue sentindo
Faz sentir se puder
Que trabalhei aqui
Meti as mãos e enfiei
Palavras
Metapoema porque
Mergulha em si
A meta é o poema

A calçada de petit-pavé machuca
meu pé na sola do tênis de baixa qualidade
Com pouco uso ele já está se desfazendo
Não aguenta o atrito do pavimento
Um tênis bom aguentaria, penso
Corro pro trabalho que paga mal salário
Um tênis bom não entra no orçamento
Asfalto duro na borracha crua
Qualquer chuva alaga as ruas
Que entram pelas costuras
Enrugam meus pés e meu humor
O chão é cruel com os calçados de propósito
pra me fazer querer um par melhor
Mas caros ou baratos sei que todos
os tênis são feitos do mesmo material
Existe calçado que não seja resultado do trabalho escravo?

FERNANDA SILVEIRA

NÃO FOI POR QUERER

Sou duas ou três ao mesmo tempo
E em nenhum tempo sou nada
De frente sou obra divina
Que habitará o céu na morte eterna
Do avesso, sou demônios
Que ardem em um lago de enxofre.

O que quer de mim este mundo?
Se o que quero não tenho
E o que não desejo é o que ganho?
O que ganho não é nada
O que perco é a vida inteira
Ouvindo o vazio da minh'alma.

Os escafandristas estão chegando
Pero mis caminos son frágiles
Me quedo inquieta y espero
No fundo do lago de enxofre e flores
Habito intensa-pulsante
A hora da estrela não tarda.

Nem mesmo *la muerte* me pode parar
Lloran los chicos en noviembre
Grito e me debato e agito o lago
Uma pedra não é só uma pedra
Submersa me levanto imperfeita
Imponho-me inteira à folha branca.

ANTI-INFLAMATÓRIO

Há horas que acordo engasgada
Sabe? De palavra entalada
Me dá água... quanta mágoa!
Por (que) estar amarrada (?)
Quero deixar bem claro
Quando estou escura
Ou quando caio
E me levanto dura
Esperando o dia (mas qual?)
Em que dispensarei autorização
Pra deixar o que se deixa
Derramado pelo chão.

Vai, sai, passarinho!
Sai *pra* ver esse dia
Ele chega!
Já é O dia; voa audaz
Uma tristeza a mais
Agora, já se desfaz.
Cruza essa ponte
Sombreia esse mar
Pousa distante
Se deixa ficar
Por essa noite em diante
Não volte a chorar.

SONIA BITTENCOURT RODRIGUES NUNES WOLFF

Os olhos da floresta
pingam mais
que orvalho e chuva
nos esqueletos galhados,
enquanto gnomos,
querubins, fadas e sacis
olham o que sobrou
de verde e vida
Vento leva leve
esse choro
moldado nas cinzas
da desautorizada
cremação.

O CHEIRO DA CHUVA

Caí de árvore,
pulei muro,
bati bicicleta em poste,
comi fruta no pé,
sujei roupa nova em poça de lama,
vesti bonecas,
quase pulei do telhado
pensando que todos podiam voar
como o super-herói da TV
Amamentei,
sorri, chorei,
comprei um dente
para os fundos da boca
E é desde criança
que sinto cheiro
de chuva chegando.

JAQUICELI CHAFER

AEVUM

Sabe quanto tempo tem o tempo?
um minuto de prancha
um dia numa viagem esperada
Sabes agora?
Uma vida dura muito
E todas as vidas?
Fomos, pedra, planta, animal, humano,
Milhões de anos no nosso tempo
Um piscar na eternidade
Quanto tempo usa para ouvir quem te fala?
Sabes que és mágico?
Pode parar o tempo
num abraço
e
no fechar dos olhos em silêncio
Quando dorme entra em outro tempo
Lá tudo acontece rápido devagar rápido devagar
O que vês será passado
Não será o mesmo
E será igual
Usa teu tempo pra viver
Não lamentar
Lamento dura mais que prancha!

ONDE MORA SUA CASA?

Onde você mora é casa ou lar?
Casa é onde se está
Lar é onde se quer
Onde mora sua infância?
A minha, onde morava a uva japão
Muitas casas moram em mim
A que via o cemitério
e temia
A que vi ir embora, quem nunca conheci
meu irmão
A que eu dançava com paninhos nos pés
chão encerado
A que abrigava o galo escalador de mim
enquanto via as formigas no chão
A que me deu o primeiro bichinho amigo
uma galinha hermafrodita
A que me apresentou o fundo do rio
que eu não queria conhecer
Agora
voltei para onde estava
moro em mim
sou meu lar!

PAULO EDUARDO

EQUAÇÃO DE PRIMEIRO GRAU

Se (só * sinestesia)
= poesia todo dia.

Se (dor + aconchego)
= poesia cotovelo.

Se (cabeça <> coração)
= poesia privação.

Se (genética/mistério)
= poesia cemitério.

Se (invisível - sob o sol)
= poesia luminol.

Se (tudo + tudo mesmo) * (errado)²
= poesia resultado.

OLHAÍ FREGUESIA

Olha o carro do google que tá passando na sua rua
puta bairro mais feio mais esburacado que a cara da Lua

É o carro do google que tá mapeando a sua cidade
vai mandando as imagem pra outros governo na velocidade

Mapa, com rota
Mapa, fresquinho
Mapa, online
Mapa, fotinho

Olha o carro do google fazendo as rua mais familiar
é o carro do google espiando as instalação militar

Olha o carro do google te fotografando sem permissão
é o carro do google a mando de outras nação.

DANIELLE RECH

METAMORFOSES DO POEMA

o poema
esse detetive inquieto
que abre buracos no asfalto
com suas infindáveis perguntas

o poema
esse andarilho que leva consigo
as texturas das ruas
leva os afetos que apressam
o diafragma, luz alaranjada
que atravessa nossas carnes

o poema
essa ave barulhenta
que pousa no ombro
e canta um funk
que gruda na cabeça

o poema
esse lutador de muay thai
que dá um chute nas vísceras
que libera feras contidas

o poema
esse ser atento
que enxerga crianças vasculhando
vermes em marmitas

que escuta ambulantes cordelistas

o poema
essa estratagemas fônica
que desvirtua a sintaxe
que desobedece às sinapses

o poema
esse feitiço de bruxa
feito de fogo e forma
feito do fazer estético
ser escalafobético
mutante que cria espaços
de encantamento

A BAILARINA GUARANI

a menina indígena desejava ser bailarina

o corpo dente-de-leão
as pernas cor de gema de pequi
os saltos de onça parda
mas disseram à menina Guarani
que sua pele não combinava
com o collant colado no corpo
nem com os palcos e sapatilhas de ponta
que seus cabelos cor da noite
não sustentariam coroas

a menina indígena desejava ser bailarina

a menina Guarani era pura fúria
quando disseram
que ela não poderia ser bailarina
a criança deu um salto
virou bicho no primeiro ato
com tutu de onça pintada
o grand jeté
com as garras para fora
onça-bailarina
bailarina-onça
pois sua avó-xamá disse um dia
que nenhuma febre terça deteria
a menina indígena
que se tornou bailarina

SILVANE Y DA SILVA AGUIAR

INFÂNCIA

monta seu cavalo,
pés no chão,
crina de vassoura.
cavalga
distâncias
traga até mim
o sonho da infância.
Sem fim.
Abra seus cofres
cheios de tesouros,
do que vi e desejo
ainda quero
sejam duradouros:
no futuro a fé,
no presente
a alegria,
a vida sentida
em prosa e poesia.
os banhos de Rio,
as tardes compridas,
desde lá a satisfação
nas tarefas cumpridas.

A oração,
de juntar as mãos.
essa prece,
me habita
tal colo,
minha mãe.
o tempo,
me consome,
faz distâncias...
das suas cinzas
me refaço,
no inquebrável laço
com minha
infância.

TERRA

bola dívida
bola roubada.
qual será a próxima jogada?
testemunha do amor
e da loucura
flutua leve como pluma
um enigma do universo
tábua de divinos versos
escrita com letras vivas
discretas e coloridas.

terra
pó bebendo água sem parar
barro molhado que torna a secar
caminho invisível
em busca da luz
quem no espaço te conduz?
roda rodando a roleta destino
brinquedo caro na mão de menino.

terra
Eu que sou pó e lágrima salgada
passageiro como uma alvorada
te devoro com fome e desespero
como se fosse esse o instante derradeiro.

para depois me acalmar
e ouvir o teu sussurrar
igual canção de amor
que entra nos ouvidos
até entranhas.
assim nasce a paz em mim
ouvindo o teu sim
ninho que abriga a vida
terna mãe querida
terra.

SELMA MOTTIN

SILÊNCIO E SOM

Em minha casa (aquela)
Um galo sozinho acorda o Sol
Sob o pisar madrugador, range o assoalho de tábuas
Da geladeira, soa discreto o motor, buscando atenção
No quintal, farfalham folhas displicentes
Alvorçadas pelo anúncio do carro do sonho

Em minha casa (esta)
O vrum vrum vrum dos automóveis acelera o Sol
Em unísono, celulares insones anunciam que é a hora
Barulhentas bocas engolem o desjejum
Não há quintal
Não há folhas
E o carro do sonho, desafinado, silenciou.

“SE EU FOSSE UM PEIXINHO, SOUBESSE NADAR”

Mágica e multicolorida
(Faber Castell 24 cores)
Pula a primeira bola
Não faz gols, pontos
Só salta solta sorrindo
Rodopia faz firulas e divertida rola

“Balança, caixão
Balança, você
Dê um tapa na bunda
E vá se esconder.”

“Bom barqueiro, bom barqueiro
Licença pra passar
Tem os filhos pequeninos
Pra acabar de criar
Se não for o da frente,
Pode ser o de trás, o de trás”

Quica frenética e bicolor
(Canetinhas Silvapen 12 cores)
a outra bola
Sabe queimar, fazer gols
E, inadvertida,
Pula o muro da escola
Camaleoa-se

no
c
a
p
i
n
z
a
l

Vai embora.

Vamos brincar de casamento atrás da porta?
O que você quer dela: abraço, beijo ou aperto de mão?

WALKYRIA NOVAIS

“CASA VIDA”

Viver é desgastar o tempo.
Perfurar a memória e o medo.
Sonho com a casa da infância:
Madeira pintada de rosa,
o azul fica por dentro.
Varanda de piso vermelho.
Chão de taboa corrida,
Cera canário amarela.
No fogão, cheiro preto de feijão cozinhando.

“PINTOR INCANSÁVEL”

O pincel invisível,
desenha no céu
traços de um azul profundo,
como a melancolia que se instala
nas sombras do entardecer.

Cada instante,
uma pincelada.
O vermelho intenso se mescla com o violeta,
a paixão arde e consome,
deixando rastros cinzas
no vazio da noite.

O amarelo pálido,
tímido como a luz da manhã,
aquece o coração sem esperança,
mas se dissolve no branco neutro do cotidiano,
onde tudo se mescla, se esvai e se perde.
O verde nostálgico das lembranças brota,
como folha nova em galho antigo.

O tempo,
pintor incansável,
mistura as cores do passado
com o hoje incerto
formando camadas de
amor e medo.

JUÇARA MALEONI DE OLIVEIRA

A REUNIÃO

Lá vem uma letra
grudada a outra letra
parecem imãs
talvez uma penca ou
um cacho de palavras
é oração ordinária e extraordinária
palavra, palavrosa, palavrão
todas juntas em reunião
o tema é longo o debate aquece
na assembleia em prontidão
todas juntas
perfiladas, desenhadas e conflitantes
enchem o copo
forma de oração
ordinárias e extraordinárias
lá vem uma sentença
reunião de palavras desencontradas
encontradas na esquina
uma sentença
o tumulto das orações.

DESVANECER

Fechei as horas
No azul do céu
Num corpo de homem
Cerrei os olhos
Num mundo viril
Tampei os ouvidos
Na água salgada
Abri a torneira
Do peito vazio
Cobri o telhado
Com folhas de trigo
Tranquei as palavras
Num vaso de flores
Amassei o vento
Com língua de aço
Rolei no asfalto
Fervente do sol
O tempo do espaço
Perdido no colo
Do ventre coberto
Das vestes do chão

GIULIANNE SIMIZU CALIZOTTI

DESENHO URBANO

Tardes de sábado
carregam expectativas dos encontros
com amigos e de um destino
ora desconhecido, ora um velho conhecido
mas através de um olhar
tardamente percebido
após cada mínimo detalhe esboçado
a paixão pela cidade.
Observar atentamente e escolher
abraçar o estranhamento
além da perspectiva
da arquitetura antiga
das folhas ao vento
da multidão em movimento
de um olhar atento em traços e esboços,
imerso ao instante
horas a fio de um olhar paciente
a versão de sua própria criação
tão única e particular,
redescobrimo em cada fresta e aresta
traduzindo de seu íntimo o registro do tempo
dos espaços que já não existem mais,
das arquiteturas icônicas,
onde tantas histórias se escondem
em meio aos desenhos que ao fim,
espalhados ao chão
que em comunhão, se aprecia
envolvendo-se e apropriando-se
através dos registros mais sinceros
de cada íntimo olhar,
em Arte.

Diante de uma vida para deslembrar
o registro da passagem do tempo se faz ouro,
mergulhar em profundas lembranças
rabiscadas em um rascunho amassado
buscando em velhos versos soltos
em meio ao anseio de afugentar-se
das memórias ainda tão vivas e presentes
algumas repletas de sabores,
cheiros e cores que afagam a alma
mas também cicatrizes tão grandes e expostas
como um violento rasgo no papel.
E como um poema, a vulnerabilidade é a chave
para olhar-se do avessodespindo-se de si inteiramente
de corpo e alma.

LORENZA VIEIRA

A menina

Correu

Em mim

Quando a adulta

Em mim

Suspendeu

A infância

E abafou

Correndo

Para tornar-se

O que a menina

Sonhava

Em ser

Contratempo

As duas

Correram

Um da outra

Até entender que

Corriam sempre

Na mesma

Direção

De mim mesma

EU NÃO SOU DAQUI

Não sou
Logo se vê
Eu sou de lá
Mas me fiz aqui
Fiz aqui
O que não pude
Fazer lá

Eu não sou de lá
Nunca fui
Nem daqui
Eu sou
Eu fui
Em qualquer lugar

Apenas fui de lá
E daqui
Eu estive
Lá
E
Estive
Aqui

Tentando encontrar
O local exato
Para se estar
Nessa cidade

E ao mesmo tempo estar lá

MARIA LUIZA MENEGAZZO

META-VERSO

A palavra é vento, é via, é vórtice
É sulco, é sangue que escorre e marca.
No exercício da palavra
o verso é o que revira, reverte, se impõe!
O que faz sombra, enquanto faz-se em luz!
O verso se aprende?
Tem aula, gradua?
Ofício, oferenda, oficina do indizível
lavrado no arado doce
da palavra poetada,
tornada outra coisa
aos olhos e à sanha de quem lê.
Ser artífice da palavra, do verso
Desse nem sei quê
Desse avesso, do averso, há verso
Ofício, criação, ação de criar
que não se fia... mas se fiska:
Busco a isca!

CASAS

Tem casa de dentro
E tem casa de fora
Casa onde se vivem sonhos
Refúgios, tolices, sandices
Casa onde se instalam móveis
Fotografias, posses, guardados
Essas casas se fundem
Confundem e se conformam
Aos desejos que comportam
As gentes
Casa de dentro também guarda coisas
Que a casa de fora pode contar
Pela casa de fora
Se chega à de dentro
Cabe que a casa
 Capte
 Contenha
 (a) Alma

MARISTELLA GABARDO

INDICAÇÕES

Para dor de cabeça
cansaço da vida
dias tristes
o cotidiano
os dias de lutas
os dias inglórios
uma borboleta
um nascimento
um joanete
um até breve
um chegue mais
a cidade
um piá piolhento
o campo
a guria na janela
a banda que passa
a história mal acabada
a desilusão
o doente
o contente
e o são

CUIDADOS NA UTILIZAÇÃO DESSE PRODUTO:

Em qualquer movimento

Pode-se fazer

Poesia

O rato roeu?

Estava aqui

Não vi mais

Quem tirou

Quem comeu

A poesia

Que a vida me deu?

RITA DELAMARI

VOO

Na incessante descoberta,
Jogo com a linguagem
Descubro coisas escondidas.
Descrevo o invisível.
Deslumbro-me.
Palavras misteriosas se fundem
e desvendam mistérios;
O que vejo através das nuvens
Foge a todo entendimento.
Nesta saga, sei que não devo
Privar-me de nada.
Desprendo-me.
Vou de encontro ao infinito...
Sinto que meu corpo flutua,
Metamorfoseio-me.
Tranço livremente com as palavras
Volto para dentro de mim.
Agasalho-me, ao frio do inverno;
Escrevo, leio, deixo-me guiar...
A poesia flui, livre, eficiente.
Na proposta de criar asas,
Transcendo!

PERCURSO

Não se sabe se o tempo
É o tempo certo.
Atropelar o destino?

Ele vem,
Nos toma nos braços
E pela pele, caminha...

No percurso da existência,
Astuto, molda o traçado.
Categórico, mostra-se!

Rápido e rasteiro
Ainda a tempo de deixar rastros
nas trilhas da nossa poesia.

Não se deve apressá-lo,
Tudo vem a seu tempo...
Apesar da impaciência.

ANE TORRES

TESOURO

Na casa da Rua Pernambuco
As árvores e bicicletas
A mãe resplandecente:
As festas de aniversário
– criança, canudinho de maionese –
O tingimento do sisal
O mimeógrafo e suas folhas azuis
A chegada bimestral
do Tesouro da Juventude
Enviado pela avó lá da capital.

Na casa da Rua Antonina
As crianças da turma
Amarelinha e bets na rua
Aventuras no quintal
As festinhas de garagem
(dancing days, baila comigo)
A cozinha, o longo balcão vermelho
– fruta do conde, melancia –
que reúne à sua volta
a família e os amigos
e o pai que ri solto
espirituoso
luminoso
gentil.

No apartamento da Rua Guaratuba
O amor construído
– cotidiano, música
trabalho, paixão –
O sonho de Paris
Um brinde à mesa
Os amigos que riem
Meus discos, meus livros
e tudo o mais:
 as crianças
 me iluminam.

À DERIVA

da nossa história
sinto uma nostalgia
que não encontra porto pra ancorar
à deriva
no mar da memória

do quase nada
que deixamos pelo mundo
umas poucas fotos
palavras escritas
guardadas nas gavetas
sólidos castelos de areia
que as ondas teimam
em não desmanchar

do nosso tudo
real
e efêmero
como um beijo
pulsa às vezes
o desejo
de pele
de língua
de cheiro e calor
tesão tão concreto
quanto um poema.

MAÍSA CARDOSO

POEMA ÓRFÃO

A casa
Deixei no exílio de um frio porão
Ratazanas
iam e vinham.

Arrastei-me
para lugar nenhum.
Razões rabiscadas
e raivas emergem.

Lar
Ignóbil palavra.

DESPEDIDA

O menino dentro do carro
observa
de novo
A casa

Lar
Residência
Habitação
De novo
Memórias

Vivem nele.
Resistindo a infância
Feliz.
Imóvel se despede.

METAPOEMA

Poema lâmina
cirúrgica estéril

a palavra que me
corta
é a mesma que me
acalenta

lenta
mente
arde
dentro

fora

rasga
o meu presente

sangrando
passados.

DAIANE PEREIRA RODRIGUES

Corpo a corpo com a linguagem
da Poética ao novo Macabéa
dO corvo ao muro de estrelas
a tentativa de pegar o peixe
fisgá-lo
aprisioná-lo
dominá-lo
o estudo da forma, da técnica
a rima cinza no metrô de São Paulo
a jornada virtual de escritoras
a leitura na praia de Paraty
tradição, tradução de formas
a ruptura da forma
o vídeo-poema
Lutar com palavras!
E de repente o pássaro
pousa no buraco do telhado
a sopa em Curitiba lembra
a da mãe em Assunção
Na praça, aquela música toca
e na manhã de domingo o menino diz:
— Mamãe, já é céu de acordar, abre a porta do teu olho!
É no acaso que mora a poesia.

A criança dança no vento
imita passarinho
corre entre as flores
salta da árvore
voa bolha de sabão

Da janela a mãe grita
põe água para o mate
erva cidreira
capim-limão
camomila

Agora a mão do filho é
a que enche a chaleira
janela vira moldura
para brincar na memória
saudade em forma de chá

FERNANDA RIBEIRETE

POIESIS

não adianta, benzinho!
verso é coisa de acender

gravetos de verbo na areia da página
um luar que (re)pousa
bafijos arfando bobagenzinhas poéticas
e seu penetrável olhar na minha palavra
(até que ela te suspire)

sem isso é mero desencontro
não faz química
 não dá poema

POSFÁCIO

PARA QUE POESIA EM TEMPO DE REDE?

Amarildo Anzolin

O tempo passa, o tempo soa, e a poesia sobrevive, com ou sem loa. Coexiste. Um mundo dentro de mundos. Perpassa por eras e heras, fatos e éthos. Caminha por rachaduras e cicatrizes. Esbarra, abraça, dá de ombros, beija a mão de mídias. Midas com mãos e não orais. Muros são erguidos, outros desfeitos, pontes queimadas, outras estiradas para frente. Para trás.

Publica-se muito. Publica-se (de) quase tudo. Quase ninguém é mudo. Todos têm opinião sobre tudo. Sobre todos. É tudo verdade. As árvores estão no fim, mas os livros não acabam. Tem mais poeta que leitor. Quase sempre foi assim. Mas há tempos é mais. Demais. Os livros não acabaram, mas os leitores estão mudados. Cansados. É preciso (re)criá-los?

O tempo assa, o tempo coa, e a poesia resiste, com ou sem lua. O sapateiro - ente quase clandestino - emula a nova sola. O alfaiate - com o tino sensorial do hábito e da moda - molda a gola. O amolador de facas - com olhos de destino e acaso - amola a fé em fio nada cego. A poesia mais honesta é a que tem algo de estrela cadente, de corpo estranho. Ainda que brilhe, o troncho suplanta a prótese *fashion*. Poesia é *clíc*, não *flash*.

A IA nunca será maior que um ai: para fazer poesia é preciso um bocado de dor, ainda que fingida, forjada. Mas sempre vivida. A perícia vem da prática, vem no braço do tempo, que grassa; (des)toa. E as mãos são/serão as do artesão, que pensa com seus tatos e dados. Há governo. Tem mercado. Mas quem coloca a mão na massa é o poeta.

Mesmo aqui e ali o conteúdo pondo o nariz acima do muro, em excesso, pondo a mão no mapa da linguagem, essa calibragem ainda vai rolar. Enquanto a bandeira tremula, ainda que trêmula, ainda que no escombro sobre só um verso, uma imagem, ainda que um poeta flane, ainda que se passe manteiga até no verso, poesia não se compra na padaria, não se cata fácil na rua.

É tudo que se tem até agora. Se se faz, se ainda se faz, talvez seja porque não se pode deixar de fazer. Poesia é, antes e acima de qualquer coisa, fazer. O carvão não vira diamante numa só aurora. O cão não pesca a trufa na primeira farejada. O tempo caça, o tempo roça. Acua. Recua. A pipoca da poesia estoura. Renasce. Purifica. O poeta – tecelão – faz seu *blues* alegre em algodão-doce, arco-íris, bolha de sabão.

A vida engaja mas também engana a linguagem. É preciso aferir, conferir. Dever. Devir. Poesia pode ser urgente, instantânea como a vida, mas aí as mãos – verdadeiras mentes – do artesão modulam o tempo, caleidoscópio de humor, tónus, imagem e ação: imaginação. Formal. Esotérica. Sensual. Libertária.

Nos corpos – via poetas, via poemas – que presenciamos neste volume, a poesia se faz presente, aludindo ao passado, mirando o futuro, perene terreno fértil. Cabe seguir ampliando o projeto, o *slogan*, a meta: horizonte. Quanto mais se espicha, mais elástico fica. O tempo lança. Laça. Alcança. A onda da poesia, seja *flat* ou tempestuosa, não para, e o mar de e(s)(x)pectadores guarda e aguarda na praia. Poeta pronto é poeta morto. E olhe lá!

Ampliando
Horizontes:

Poesia *e* Ficção

Marcio Renato dos Santos

Coordenador pedagógico e editor, autor de 11 livros de contos, autografoou a sua mais recente coletânea de breves narrativas, *Maestro sem orquestra*, no dia 8 de junho de 2024 na Livraria Telaranha, na capital do Paraná. O curitibano é Mestre em Estudos Literários pela UFPR, idealizador e coordenador pedagógico desta proposta. Também é autor de obras de não ficção, entre as quais, o *Dicionário amoroso de Curitiba* (2014). Já trabalhou no Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, no Museu Oscar Niemeyer, na Biblioteca Pública do Paraná e atua como jornalista na TV Paraná Turismo.

Victor Augustus Graciotto Silva

Também editor e coordenador, é um paranaense nascido na Cidade Poesia, Paranaíba, radicado desde 1995 em Curitiba. Graduado e Mestre em História pela UFPR, atuou como professor até idealizar, juntamente com Juliana Cristina Reinhardt, em 2010, a Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural, empresa responsável pela produção desta iniciativa. Entre outros títulos, é autor de *Benzedeiras* (2013), *Cervejarias de Curitiba* (2022) e *O skate no Paraná: cultura, identidade e patrimônio* (2023).

Juliana Cristina Reinhardt

Também Zugueib Zaidan, é produtora cultural, curitibana, formada em Nutrição pela UFPR, com mestrado e doutorado em História pela mesma instituição. Foi professora universitária na Faculdade Evangélica, PUC e Faculdades Espírita. Atua em pesquisa e produção cultural, e é autora dos livros: *A Padaria América e o pão das gerações curitibanas* (2010); *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade* (2012); *Entre Strudel, bolachas e stollen: receitas*

e memórias (2012); *Alemães, comida e identidade: uma tese ilustrada* (2014); *Igreja alemã: Christuskirche, Igreja de Cristo* (2015); *Se essa rua fosse minha: Santa Felicidade e seus italianos* (2020); *Igreja Ortodoxa São Jorge: encontro dos árabes em Curitiba* (2022); e *Moça bonita não paga, mas também não leva: Feira Livre* (2023).

José Castello

Ministrante da oficina de romance, é autor de *Fantasma* (menção honrosa do Prêmio Casa de Las Américas, em 2002) e *Ribamar* (2010), narrativa que conquistou o Prêmio Jabuti em 2011. Castello nasceu no Rio de Janeiro e desde 1994 vive em Curitiba. Jornalista com passagem pelas redações da *Veja* e *Jornal do Brasil*, entre outros veículos de imprensa, atualmente escreve para o *Rascunho*. Mestre em Comunicação pela UFRJ, também é autor de obras de não ficção, como *Vinicius de Moraes – O Poeta da Paixão* (1993), *João Cabral de Melo Neto – O Homem sem Alma* (1996) e *Inventário de Sombras* (1999), reeditado em 2022.

Luci Collin

Ministrante da oficina de poemas, a curitibana Luci Collin é escritora, poeta, tradutora, professora universitária aposentada e musicista. A sua obra poética e literária se caracteriza pela experimentação de linguagem e por tratar de temas da pós-modernidade, como as crises identitárias e metanarrativas. *Tratos de silêncio* (2012), *Querer falar* (2016) e *Rosa que está* (2021) são alguns de seus livros de poemas, além dos romances *Nossa Senhora D'Aqui* (2015) e *Papéis de Maria Dias* (2018), e dos livros de contos *A peça intocada* (2017) e *Dedos impermitidos* (2021). Ela é curadora do Festival da Palavra de Curitiba.

Luís Henrique Pellanda

Ministrante da oficina de crônicas, é autor dos livros de contos *O macaco ornamental* (2009), segundo lugar no Prêmio Clarice Lispector, *A fada sem cabeça* (2018) e *O caçador chegou tarde* (2023), e de coletâneas de crônicas, como *Nós passaremos em branco* (2011) – finalista do Prêmio Jabuti 2012, *Asa de sereia* (2013), *Detetive à deriva* (2016) e *Na barriga do lobo* – finalista do Prêmio Jabuti 2022, entre outros títulos. Jornalista, Pellanda também é cantor e compositor. Participou da banda Woyzeck e integra o projeto musical Smoko, com Caio Marques e Rodrigo Stradiotto.

Simon Taylor

Capista, fã dos Beatles e autodeclarado devoto de São Elvis e São Henfil. O curitibano é contra baixista e desenhista, e alguns de seus desenhos podem ser apreciados nos livros *Meus cases de sucesso* (2013), *A caricatura da arquitetura* (2017), *A caricatura da arquitetura 2 – O desenho e a cidade* (2019) e *Curitiba em traço* (2023). Um dos fundadores do Urban Sketchers Curitiba, grupo de artistas que se reúne aos sábados para desenhar edificações e monumentos, Simon tem obras comercializadas na Galeria Krieger. É o autor dos desenhos das capas de todos os livros deste projeto, desde sua primeira edição.

Amarildo Anzolin

Integra o conselho editorial, é poeta, compositor, redator, revisor, roteirista, produtor cultural, podcaster, performer, ministrante de oficina de escrita e mediador de leitura. O curitibano é autor, entre outros livros de poemas, de *Evite permanecer nesta área* (2012), *Hospedaria de cuidados paliativos* (2016) e *Central de despachos Nossa Senhora das Graças* (2022)

Francine Cruz

Integra o conselho editorial, é autora dos romances *Amor, maybe* (2011) e *A casa dos dois amores* (AudioLivro, 2014), e do ensaio *La Obra Poética de Ana Cristina Cesar: Resignificación del Biografismo* (Caravana, 2023), entre outros títulos. A curitibana é criadora e apresentadora do Canal Senhora Literatura no Youtube. Em 2012 recebeu o prêmio Agente Jovem de Cultura do Ministério da Cultura.

João Lucas Dusi

Integra o conselho editorial, é curitibano e autor do livro de contos *O grito da borboleta* (2019) e do romance *O diabo na rua* (2022). Com passagem pelos jornais *Cândido* e *Rascunho*, está à frente da editora Madame Psicose, empreendimento que reeditou *Amor*, narrativa experimental de André Sant'Anna, e colocou em circulação *O labirinto espelhado*, obra filosófica do romancista Guido Viaro.

Kenni Rogers

Ministrante das oficinas de leitura, é nascido em Marechal Cândido Rondon e radicado na capital paranaense, é ativista de arte-educação, responsável por ações de formação de jovens leitores. Idealizou a Mostra Literatura Paraná, realizada em comunidades de Curitiba e está à frente da Trupe Periferia, coletivo de teatro formado por jovens (vencedor do Troféu Gralha Azul 2023). É ator e autor do livro *Quando era mato, tudo* (2022), publicado pelo Itaú Social e Balada Literária.

Cida Grecco

Revisora, graduada em Letras pela UFPR, essa paranaense é especialista em Múltiplas Leituras da Comunicação e da Arte pela PUCPR e em História, Arte e Cultura pela UEPG. Mestre em Linguística

pela Unicamp, é doutoranda na mesma instituição e área de estudos. Professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Educação, Cida atua como revisora na Máquina de Escrever e neste projeto desde sua primeira edição. Participou de uma das oficinas e estreou seu primeiro fragmento de romance no Ampliando Horizontes.

Elys Faria Bittencourt

Graduada em Comunicação Social / Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) em 1995, com experiência em revisão e edição de textos em livros didáticos, de assuntos gerais e em trabalhos acadêmicos. Parceira da Máquina de Escrever desde 2015.

Rafael Ferrer Kloss

Designer gráfico, curitibano, nascido em 1980 é formado em Design Gráfico pela Universidade Tuiuti do Paraná. Com experiência em fechamentos de arquivos para impressão, trabalha em parceria com a Máquina de Escrever há mais de 12 anos na preparação e diagramação dos títulos da editora. Ilustrador, pescador e entusiasta da vida ao ar livre.

Clara Reinhardt Silva

Fotógrafa e produtora de conteúdo, é curitibana e estudante de Design Gráfico da UFPR, atuando como ilustradora, diagramadora e UI/UX designer.

Curitiba, Outubro de 2024

Impresso em papel

Avena 70gr/m²

Tipologia:

EB Garamond, Noto

Tiragem:

1000 exemplares



editoramaquinadeescrever.com.br

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

Em sua terceira edição, “Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção” é um projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção. Da ideia inicial à escrita, incluindo o contato com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas. Em 2024, três vezes contempladas com o Prêmio Jabuti ministraram oficinas: José Castello (romance), Luís Henrique Pellanda (crônica) e Luci Collin (poesia). No conselho editorial, Amarildo Anzolin, Francine Cruz e João Lucas Dusi. Idealizado e coordenado pedagogicamente por Marcio Renato dos Santos, com coordenação e edição de Victor Augustus Graciotto Silva e produção de Juliana Cristina Reinhardt, da Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural, “Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção Ano 3” movimentava a cena literária da capital do Paraná.



9 786587 517759



AUDIODESCRIÇÃO DO LIVRO

Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Poemas

Este é um arquivo PDF com audiodescrição para que as pessoas com deficiência visual possam acessar não só o texto original da publicação, mas também o conteúdo de cada imagem. Para tanto, a audiodescrição de cada uma foi embutida no código do PDF, permitindo a identificação pelos softwares leitores e ampliadores de tela usados por esse público. Informamos que, até este momento, devido às limitações técnicas, a melhor experiência de acessibilidade é oferecida pelo ambiente Windows por meio do software Adobe Acrobat Reader da Adobe. Ele pode ser baixado gratuitamente para os principais sistemas operacionais em: <https://get.adobe.com/br/reader/otherversions/>

Também inserimos o texto descritivo das imagens aqui ao final do livro para que os usuários de outras plataformas e demais interessados possam conferir esse conteúdo, página por página.

Produção: Ver Com Palavras Audiodescrição e Vias Abertas – Comunicação, Cultura e Inclusão.

Audiodescrição de imagens: Wagner Caruso.

Revisão: Lívia Motta.

Consultoria: Manoel Negraes

Formatação PDF acessível: Wagner Caruso.

Consultoria em acessibilidade: Laercio Sant'Anna.

CAPA

AUDIODESCRIÇÃO: A capa do livro é ilustrada na metade superior com o desenho colorido do Memorial Árabe, no Centro Cívico, em Curitiba, capital do Paraná, disposto na diagonal. Um prédio vermelho em forma de cubo, com uma abóbada de vitrais azuis na cobertura, construído sobre um espelho d'água, com um busto de bronze de Gibran Khalil Gibran. A parede externa frontal tem vários furos quadrados, alinhados em 7 filas horizontais, de uma extremidade a outra; na parte superior da parede uma faixa larga de azulejos azuis com uma

escrita Árabe, que se estende parcialmente pela parede lateral; no canto superior esquerdo, uma pequena janela em arco; na parte inferior da parede, no mesmo nível do espelho d'água, pequenas fendas em arco, lado a lado, de uma extremidade a outra; no canto direito, um portal em arco pontiagudo, estreito e alto, com um pilar circular de cada lado, com um passeio para pedestres na frente, atravessando todo espelho d'água. No canto esquerdo da parede lateral direita, outro portal com as mesmas dimensões e características. Logo acima do desenho, o nome dos organizadores escrito com letras brancas sobre uma tarja vermelha. Na metade inferior da capa, à esquerda, o nome do livro escrito com letras grandes, pretas, com a palavra POESIA, escrita com letras brancas sobre uma tarja vermelha; do lado direito, desenho de uma mulher sorridente, com os braços cruzados, segurando um livro. Ela é branca, com cabelos vermelhos compridos na altura dos ombros, penteados de lado. usa camiseta com listras horizontais, brancas e pretas, calça azul e sapatos vermelhos. No canto inferior direito, a logomarca da editora máquina de escrever, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas.

PÁGINA 2

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo cinza com o título centralizado, escrito com letras brancas em cinco linhas.

PÁGINA 3

AUDIODESCRIÇÃO: do lado direito da página, alinhadas na vertical, as logomarcas dos incentivadores: ESA – CAT; SOFTMARKETING - SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO; CURITIBA - LEI DE INCENTIVO A CULTURA; FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA; e PREFEITURA DE CURITIBA.

PÁGINA 4

AUDIODESCRIÇÃO: Na parte inferior da página informações da editora em uma caixa de texto retangular. Ao centro, o nome, endereço, telefone e mídias sociais. À esquerda, a logomarca da editora, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas. À direita, um QRCode para acesso ao site da editora.

PÁGINA 5

AUDIODESCRIÇÃO: Logomarca da editora, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas, centralizada na parte inferior da página.

PÁGINA 8.

AUDIODESCRIÇÃO: Desenho em preto e branco do Memorial Árabe, no Centro Cívico, em Curitiba, capital do Paraná, disposto na diagonal. Um prédio em forma de cubo, com uma abóbada de vitrais azuis na cobertura, construído sobre um espelho d'água, com um busto de bronze de Gibran Khalil Gibran. Na lateral direita, dois portais em arco pontiagudos, estreitos e altos, com pilares circulares nas laterais.

PÁGINA 112.

AUDIODESCRIÇÃO: Na parte inferior da página, abaixo da ficha técnica, a logomarca da editora máquina de escrever, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas.

PÁGINA 113. CONTRACAPA.

AUDIODESCRIÇÃO: Contracapa com fundo cinza, com o texto a seguir escrito com letras pretas. "Em sua terceira edição, "Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção" é um projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção. Da ideia inicial à escrita, incluindo contato com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas. Em 2024, três vezes contempladas com o Prêmio Jabuti ministraram oficinas: José Castello (romance), Luís Henrique Pellanda (crônica) e Luci Collin (poesia). No conselho editorial, Amarildo Anzolin, Francine Cruz e João Lucas Dusi. Idealizado e coordenado pedagogicamente por Marcio Renato dos Santos, com coordenação e edição de Victor Augustus Graciotto Silva e produção de Juliana Cristina Reinhardt, da Máquina de Escrever Editora – Produção Cultural, "Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção Ano 3" movimenta a cena literária da capital do Paraná". No canto inferior direito um código de barras, logo abaixo a logomarca da editora máquina de escrever, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas e o código ISBN 9 786587 517759